

Depoimento de Um Magistrado (*)
(MENSAGEM AOS NOVOS JUÍZES)

Orlando Cavalcanti Neves
Juiz Federal da SJ/PE (aposentado)

Desejo que minhas palavras aos novos colegas se construam sob a emoção de um discurso que proferi no dia 11 de dezembro de 1968, na ocasião em que era inaugurado o Fórum Desembargador Neves Filho, homenagem da Seção Judiciária de Pernambuco, da Justiça Federal, ao meu querido e saudoso Pai.

Nele encontro inspiração e motivo para dirigir-me a vocês, que ora se preparam para enfrentar a nobre missão de promover justiça.

O caminho que os aguarda estará cheio de desafios, mas nada retira o encanto e a nobreza da tarefa reservada ao magistrado, se ele se mantiver consciente da gravidade e da beleza da missão que lhe é confiada pela sociedade.

Eis como me expressei naquela ocasião:

“Minha Mãe,
Excelentíssimo Senhor Ministro Cunha Melo,
Excelentíssimo Senhor Governador Nilo Coelho,
Excelentíssimo Senhor Desembargador Ribeiro do Vale, Presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco e do Tribunal Regional Eleitoral,
Excelentíssimos Senhores Magistrados,
Demais Autoridades,
Meus colegas.
Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Não entendam Vossas Excelências que o protocolo foi quebrado.

(*) Trabalho apresentado no Curso de Preparação de Magistrados, penúltima etapa do IV Concurso de Juizes Federais Substitutos da 5ª Região.

O orador de se dirigir, em primeiro lugar, à mais alta autoridade presente.

Mais do que Juiz ou cidadão, sou o filho que deseja testemunhar todo o respeito devido àquela que, juntamente com o meu Pai, foi a primeira autoridade que conheci.

Isto é essencial nos dias de hoje, em que campeia o desrespeito aos superiores em todas as esferas da sociedade, até mesmo, entre alguns daqueles revestidos de múnus sagrado, que pregam a subversão à ordem, o desrespeito à lei e ao 4º mandamento.

Aqui estou, em nome de minha mãe, de meus irmãos e demais parentes, para agradecer a homenagem, tão tocante, que a Seção Judiciária de Pernambuco, da Justiça Federal, presta à memória do meu querido e saudoso pai – o velho Desembargador Neves – o rosto mais duro, que cobria o mais brando dos corações.

A missão é penosa. Fui escolhido por ser o mais velho dos filhos.

Neste momento, melhor seria estar longe daqui, para poupar-me da emoção desta hora.

Regredirei no tempo, para recordar meu pai desde a meninice.

Sou o filho privilegiado porque, como primogênito, o velho me dedicou mais tempo em atenções e conselhos.

A Providência Divina nos enlaçou, mais do que aos meus irmãos, na dor do sofrimento: cada um de nós perdeu uma filha.

É uma dor que não se descreve, sente-se.

Até completar os onze anos de idade, ainda não havia freqüentado uma escola. Todavia, a velha gramática expositiva de Eduardo Carlos Pereira; a aritmética de Trajano, cujo exemplar ainda guardo com carinho; a gramática francesa de Halbout; a História do Brasil de Rocha Pombo; Terra Pernambucana e Velhos Azulejos de Mário Sette; versos esparsos de Bilac, Raimundo Correia, Padre Antônio Tomás, Castro Alves e Capistrano de Abreu, eram velhos conhecidos, os quais meu pai lia para mim, ou forçava-me a ler.

Ele gostava de estudar comigo e costumava dizer para os parentes: “Este menino é capaz de aprender tudo o que lhe ensinarem, mas se lhe derem escolher entre enfrentar uma metralhadora ou um livro, pode apostar que ele prefere a metralhadora”.

Naquela época, eu tinha uma certa idéia de Cervantes e de Dante.

Foi meu Pai que me despertou a curiosidade de conhecer a obra do imortal florentino, especialmente o “Inferno”. O “livro de vinganças nobres”, no dizer de Quental.

Sua atividade não se limitava a ensinar os textos. Comentava-os também, aproveitando sempre as ocasiões para lições de moral e de civismo.

Ele comprou para mim: “Instrução Moral e Cívica”. Era meu livro de leitura e análise gramatical. Em sua capa branca, recordo muito bem, havia impressa, em cores, a bandeira nacional.

Ali aprendi os deveres sagrados dos cidadãos: amar a Pátria e morrer, se necessário, em sua defesa; votar; servir de jurado; depor como testemunha; respeitar o poder constituído; obedecer às leis; prestar serviço militar.

“Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam”, dizia meu pai, citando o Evangelho.

Homem de fé profunda, sabia transmitir aos outros a sua confiança.

“Olhai para as aves do céu, que não semeiam nem ceifam, nem fazem provisões em celeiros, e contudo Vosso Pai Celeste as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?”

“Considerai como crescem os lírios dos campos; eles não trabalham nem fiam. E digo-vos todavia que nem Salomão em toda sua glória se vestiu jamais como um deles. Se pois Deus veste assim uma erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé.”

“Não queirais pois andar inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã cuidará de si; a cada dia basta o seu cuidado”.

Mais lições tiradas do Evangelho.

O velho era grande e ao mesmo tempo simples.

Churchill, num discurso aos jovens, em Harrow, disse:

“Nunca cedais. Nunca vos rendais. Nunca, nunca, nunca, em nada, grande ou pequeno, importante ou transcendente! Nunca cedais ante convicções de honra e de senso comum”.

Assim era o proceder de meu pai.

Papai nos educou para o bem.

Constantemente nos fazia ver a transitoriedade desta vida e que não há grandeza na Terra que valha a eternidade.

Estava sempre querendo mais bem ao filho que dele mais necessitasse.

Oh! Parece que foi ontem. Ouço-o cantar, bem desafinado, desafios inteiros de cantadores do Sertão:

“Você pra canta comigo
Tem que cumprir um degredo
Dormir tarde, acordar cedo
Pisar no chão, devagar
Bem na pontinha do dedo.

Ou

“Inácio da Catingueira
Escravo de Mané Luís
Tanta canta, como risca
Como sustenta e o que diz.”

Era a sua cantiga de ninar um filho doente.

Desde os sete anos fui o seu companheiro em quase todas as viagens que fez ao Recife, a trato de negócios de sua Comarca.

Lembro-me de casos, quando era Juiz de Itambé, donde saí aos treze anos incompletos.

Uma vez, numa seção eleitoral, tomou um punhal de um eleitor metido a brabo, que o exhibia acintosamente, quebrou a lâmina numa gaveta entreaberta e devolveu o cabo e a bainha.

Juiz, filho de Juiz, sabia se manter acima das paixões e das intrigas.

Em 1927, bem me recordo do Dr. Manuel Borba, antigo Governador do nosso Estado, exemplo de dignidade e de coragem, passar a manhã em nossa casa, em Itambé, para, depois de sua saída, chegar o Secretário da Agricultura, Dr. Samuel Hardmann, inimigo político do dr. Borba, para ficar conversando até à noite.

Mais tarde, como Interventor do Estado, recebia em sua residência, com a mesma isenção e desinteresse partidário, os candidatos à Presidência da República, Dutra e Eduardo Gomes.

Cada um dos meus irmãos tem a sua recordação, a sua história para contar.

José, que foi mais peralta de todo o clã, deve se lembrar de quantas vezes foi ameaçado de ser posto na Marinha, naquele tempo, o mais seguro meio de corrigir indisciplinados.

Crencemos todos. Ainda assim, meu Pai continuava com seus conselhos diretos e indiretos.

Quantas vezes o vi recitar (Mal Secreto):

Se a cólera que espuma a dor que mora
Nalma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto se estampasse!
Se se pudesse o espírito que chora
Ver, através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Não esqueço seus comentários sobre os fatos políticos.

Quando, há poucos anos, um Presidente da República teve sua residência cercada de tanques, sob as ordens do seu Ministro da Guerra, meu pai disse: “Que diferença do Marechal Bittencourt, Ministro de Prudente de Moraes, que expôs o corpo à punhalada fatal de Antônio Bispo, para defender a vida do Presidente.”

Há muitos e muitos episódios que merecem recordação. Todavia, a paciência dos ouvintes deve ser respeitada.

Veio a aposentadoria e alguns amigos dele se esqueceram. Mas havia o consolo da perseverança de muitos.

Ele tinha prazer em servir. Alegrava-se quando podia ser útil.
Gostava de dar conselhos. Muitos dos presentes sabem disto.
Um dia, recitou para mim “As Velhas Árvores”, de Olavo Bilac:

“Olha estas velhas árvores mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras das idades e das procelas...”

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas,
Vivem livres de fome e de fadigas;
E os seus galhos abrigam as cantigas
E a alegria das aves tagarelas...
Não choremos jamais a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem

Na glória da alegria e da bondade
Agasalhando os pássaros nos ramos
Dando sombra e consolo aos que padecem”.

Era seu modo de dizer que ainda podia ser útil. Era seu desabafo à ingratidão de uns poucos.

Voltei do Senho.

Eis-me aqui, para repetir, de todo coração, os agradecimentos, de minha mãe, os meus, de meus irmãos e demais parentes, à sensibilizadora homenagem de ver perpetuado o nome de meu Pai, sempre chorado, mas nunca esquecido, nesta Casa de Justiça, em que, pelos desígnios de Deus, represento a terceira geração de Juízes, na família, esperando, com ajuda do todo Poderoso, saber honrar o nome que me foi legado e pedindo, com toda sinceridade, a Deus, Nosso Senhor, a morte, de preferência à prática duma indignidade.

Tanto eu como meus irmãos estamos certos de que, com a graça dos céus, passaremos aos nossos filhos a única riqueza de um homem: um nome digno, honrado, respeitado.

Os agradecimentos, por dever de justiça, devem ser particularizados aos meus colegas da Seção Judiciária de Pernambuco e aos demais membros da Comissão de Instalação da Justiça Federal, Advogado e Professor Heraldo José de Almeida e o Procurador da República José Maria Jatobá, os quais, durante a minha ausência, em férias, deliberaram dar o nome do Desembargador Neves Filho ao Fórum da Justiça Federal em Pernambuco; ao Excelentíssimo senhor Ministro Cunha Melo, pela honra que nos concedeu de presidir esta solenidade e pelas cordiais e afetivas referências que costuma fazer ao meu querido Pai, a quem ligavam laços de recíproca amizade.

Agradeço também às demais autoridades, aos parentes, amigos e demais pessoas, o honroso comparecimento a esta solenidade.

Finalmente, como os últimos que serão os primeiros no Reino dos Céus, e eles eram os primeiros no coração do meu Pai, agradeço a presença dos Senhores Desembargadores Pedro Cabral e Nestor Diógenes, que foram seus companheiros no Tribunal de Justiça do Estado.

Agora, só me resta dizer como o poeta: “Chorava em cada canto uma saudade”.

Tenho dito.”

Lido o texto acima, o Doutor Orlando Neves, invocando sua condição de decano da Magistratura Federal nesta 5ª Região, em tom de diálogo, deu prosseguimento ao seu depoimento aos futuros Juízes, colocando a ilustre figura de Magistrado que foi seu pai, mais do que sua própria pessoa, como símbolo de Juiz que deveria ser seguido por aqueles que estavam chegando neste momento.

Relatou, com pormenores que muito enriqueceram seu depoimento, os episódios que marcaram a instalação e o início de funcionamento da Justiça Federal em Pernambuco, destacando as dificuldades materiais que muito exigiram de sua pessoa e daqueles que o acompanharam naqueles primeiros tempos.

Cada desafio exigia dos pioneiros a adoção de soluções peculiares, que suscitavam sempre muita criatividade e, não raro, uma elevada dose de coragem.

Os exemplos práticos e as curiosidades com que ilustrou sua palestra tiveram grande repercussão entre os futuros Juízes, que se disseram muito satisfeitos com o que ouviram.